GREMIO DRAMATICO MILITAR

RESUMO E PARTE CANTANTE

DA

Apparatosa Revista Cearense em 3 actos e deslumbrante apotheose

PELOS DISTINCTOS ESCRIPTORES

ANTONIO SALLES E ALFREDO PEIXOTO

ornada de 23 numeros de musica dos festejados compositores

A. RAYOL, F. BENEVOLO, O. FEITAL E OUTROS

A POLITICA É A MESMA

Representada pela 1.ª vez no Theatro S. Luiz, na noite de Segunda-feira 13 do Julho de 1891

Sob a direcção musical do tenor brazileiro Antonio Rayol

Scenographia e vestuario feitos á proposito

FORTALEZA

Typ. do Libertador—Rua do Major Facundo n.º 54

1891

M-Dr-017 (357) -1-

GREMIO DRAMATICO MILITAR

RESUMO E PARTE CANTANTE

DA

Apparatosa Revista Cearense em 3 actos e deslumbrante apotheose

PELOS DISTINCTOS ESCRIPTORES

ANTONIO SALLES E ALFREDO PEIXOTO

ornada de 23 numeros de musica dos festejados compositores

A. RAYOL, F. BENEVOLO, O. FEITAL E OUTROS

A POLITICA É A MESMA

Representada pela 1.ª vez no Theatro S. Luiz, na noite de Segunda-feira 13 de Julho de 1891

Sob a direcção musical do tenor brazileiro Antonio Rayol

Scenographia e vestuario feitos á proposito

FORTALEZA

Typ. do LIBERTADOR—Rua do Major Facundo n.º 54

1891

AS-Dm-017 (357) -2-

1.º ACTO

O scenario representa o *Café Java*. E' dia.

PERSONAGENS

Coronel Anastacio	Secca
D. Luminaria	1.º deputado
1.º critico	2.º «
2.º «	Deputado pequeno
3.º «	Anthony
4.º «	Perseguidores
Manó Côco	Litographia
Dominguinho	Pichótinho
Professor Cidreira	Deputado Solonde
Pedro Valls.	1.º commerciante
1.º bemol	2.º «
2.º «	3.º «
3.º «	4.º «
Zé Povinho	Inverno

Vendedores de jornaes, frequentadores do *Café*, mulheres etc. etc.

Anastacio, typo atoleimado, coronel da Guarda Nacional, chegado ha pouco do Aracaty, vem dizendo á *Luminaria*, sua sobrinha, que, depois da grande secca de 1877, epocha em que aqui esteve, acha-se admirado do adiantamento d'esta cidade. *Luminaria*, depois de explicar-lhe alguma cousa a respeito da cidade, declara que é noiva de um cadete da Escola. Entram quatro criticos que, depois de criticarem as poesias publicadas em alguns dos jornaes d'esta capital, cantam o seguinte .

1.º CRITICO

Das regras do Zé Morcego
Cá por casa não ha mingua,
E emquanto a questão de lingua
Não admitto escorrego.

S-Dv-017 (357) -3-

2.º CRITICO

Com o professor Zé Quirino
Eu estudo desde a infancia;
Sou caprichoso, sou fino
Em casos de concordancia.

3.º CRITICO

Não paro no meu caminho
Emquanto este Ceará
Não collocar direitinho
Uma crase sobre um *à*.

4.º CRITICO

Eu tenho a firme intenção
De ensinar á humanidade
A varia pluralidade
Dos vocabulos em *ão*.

CÔRO

Oh! vamos trabalhar!
As regras da grammatica
A' mocidade asnatica
Nós vamos ensinar!

Oh! vamos trabalhar!
Façamos um compendio,
Façamos um incendio
P'ra tudo illuminar!

Apparece o *Mané Côco*, que, com seus phraseados habituaes, cumprimenta *Anastacio* e *Luminaria* e convence-os de que o Ceará é uma terra essencialmente agricola.

Apparece o professor *Cidreira*, que, em latim, cumprimenta a *Luminaria*; esta apresenta-o ao tio como escriptor de varios livros. Entra novamente o *Mané Côco* que falla ao coronel da desvantagem do imposto em ouro.

Apparece *Pedro Valls*, de quem muito se admira o coronel do dom que tem elle de advinhar. Entram os trez bemóes cantando:

Jasmines y aromas
Merece mi amada,
Su tez delicada
Mi brinda el amor.

Mas és tan esquiva
La ingrata comigo,
Que qual inimigo,
Mi niega um favor.

Desciendan claveles,
Violetas e rosas
Para las hermosas
Que sabem cantar.

Para las esquivas
Que lluevam abrojos
Já que con sus ojos
Se saben vingar.

Depois da sahida dos bemóes, Anastacio entra em explicações com Luminaria a respeito da mudança dos nomes para numeros das ruas d'esta cidade, quando vê chegar o *Zé Povinho*, trazendo uma caderneta de recenceamento e pedindo-lhe o favor de enchel-a. O coronel, reparando n'um embrulho que elle traz, indaga o que é.

Zé Povinho mostra uma vióla, onde tóca depois a instancias do coronel e Luminaria e canta:

Senhora dona da casa,
Por favor a porta abra,
Que eu não sou *cuma* cabrito
Qui mama dois n'uma cabra.

Pulseira de burro é peia,
Lençol de besta é *cangaia*;
Muié de pade é *visage*,
Cabra safado é *canaia*.

Qual o páo que tem *oreia*
Qui bota sem *fulorà*,
Quero *qui* você *mi* diga
Si nun é *u ananà*.

Menina eu quiria *vé*
Tua bocca unida á minha,
O teu corpo unido ao meu
Cuma faca na bainha.

Anastacio enthusiasma-se com os versos, cumprimenta-o, prepara-lhe a caderneta; Zé Povinho sahe contentissimo por ter conseguido o que achava tão difficil.

AS-Dv-017 (357) — 4 —

Ouve-se disputar nos bastidores; entram alguns congressistas questionando por causa do adiamento do Congresso. Anastacio suppõe que um d'elles, por ser de pequena estatura é filho de congressista. Depois de mil protestos sahem furiosos, entrando n'essa occasião Anthony perseguido de 6 sujeitos e uma senhora, pedindo-lhe as *Curvas e rectas* por pertencerem ao Alvarins; Anthony declara-lhes que não as deixa por lhe terem sido presenteadas pelo tenor Rayol. Sahe sempre perseguido.

Luminaria acha-se conversando com seu tio sobre a Lithographia, quando esta apparece cantando:

Com este lapis eu pinto
Tudo que no mundo há;
Por Deus não pensem que eu minto,
Si duvidam olhem lá.

Qualquer mediocridade
Que no esquecimento jaz,
Passa p'ra immortalidade
Só com dois traços:—traz! zás!

Pinto musicas e baralhos,
O sette, a manta, o Simão;
Pinto até... outros trabalhos
Q'eu não quero dizer, não!

Com este lapis eu pinto
Tudo que no mundo ha!
Por Deus não pensem q'eu minto,
Se duvidam, olhem lá! (Sahe)

Pichótinho, ufano do nome que conquistou no mundo das lettras, entra assobiando distrahidamente e depara com Luminaria, que apresenta-o ao tio, como um dos melhores poetas brazileiros.

Anastacio, apreciador da poesia, pede-lhe para recitar Pichótinho o satisfaz com os seguintes versos, que diz ter feito á bordo:

Por sobre a enorme vastidão dos mares
A minh'alma remonta ao paraizo,
E sobe ao céo no raio de uma estrella
E desce á terra pelo seu sorriso.

A tristeza profunda que já sinto
Em minh'alma mergulha triumphante.
Vai na minh'alma um cantico vibrando
O fulvo sol exangue e vacillante.

Vai, mulher de meus sonhos! despedaça
Meu coração pacifico e sensivel;
Ergue entre nós o abysmo da desgraça!
Cava a negra barreira do impossivel!

Uma canção nostalgica delira
No meu peito de bronze, tristemente.
E eu já não posso dedilhar a lyra,
Não posso, porque sinto-me doente!

Loura, tão loura! essa mulher parece
Uma libra esterlina bella e calma
Que anda a tinir estrepitosamente
Dentro das algibeiras de minh'alma!

Pichótinho é applaudido pelo coronel e sahe recommendando-lhe alguns bodes que dão dois couros para levar para o Rio de Janeiro.

Entra o *Dr. Solonde* acompanhado pela *Secca*, que, depois de conversar largamente com Anastacio, canta:

Eu sou a secca
Do Ceará
Por onde eu andei
Inverno não ha

CÔRO

Ella é a secca
Do Ceará,
Onde ella andou
Inverno não ha.

SECCA

Andei lá pelo sertão,
Vi gente com fome
E cousas sem nome,
E cousas sem nome (bis)
Eu vi então.

AS-Dv-017 (357) -5-

CÔRO

Ella é a secca
Que vem p'ra cá !
Chorae, Zé Póvinho !
Chorae, Ceará.

SECCA

O gado todo morreu,
Morreu a babugem;
Nenhuma pennugem,
Nenhuma pennugem (bis)
Lá deixei eu.

CÔRO

Ella é a secca
Que vem p'ra cá (etc.)

SECCA

Com esse viver tão mau
Não ha quem se ageite !
E' melhor tirar leite,
E' melhor tirar leite (bis)
Leite de pau !

CÔRO

Ella é a secca (etc.)

Depois que a *Secca* narra a Anastacio as proezas que tem feito e diz-lhe que sympathisa muito com o Ceará; servem-se alguma cousa no *Java* e retiram-se. Apparecem quatro commerciantes, mostrando-se arrependidos de terem mandado vir alguns generos, porque o inverno está a chegar (Sahem).

Entra o *Inverno* acompanhado de sapos. Luminaria e Anastacio retiram-se com medo da chuva. O *Inverno* canta:

Eu sou o querido amigo
Deste pobre Ceará,
Nos momentos de perigo
Sou eu quem força lhe dá.

Sou eu quem enche de flores
E de alegrias o lar,
Dos que do sol aos rigores
Trabalham sem descançar.

(*Os sapos fazem côro*)

INVERNO

Sou eu quem faz a esperança
No azul d'este céo brilhar,
Quem faz sorrir a creança,
Quem faz as aves cantar.

Se accaso Deus me desterra
P'ra's outras bandas de lá,
Probresinha d'esta terra!
Coitado do Ceará !

(*Os saposfazem côro*)

Durante a scena do Inverno, relampeja, troveja, chove, venta, etc.

2.° ACTO

O scenario representa a Avenida Cáio Prado

PERSONAGENS

Coronel Anastacio	2.° conquistador
D. Luminaria	3.° «
Patinador	Hypnotisador
Um surdo	Um menino hypnotisado
1.° Poeta	1.° medico
2.° «	2.° «
3.° «	Variola
4.° «	*Libertador*
1.° conquistador	*Norte*

Passeadores, conquistadores, homens, meninos, velhas, moças, crianças etc. etc.

—

Luminaria apresenta a Anastacio a Avenida «Caio Prado» e conta-lhe suas utilidades. Os conquistadores apparecem cantando :

45-Dv-017 (357)

Meninas morenas
Nós já estamos cá,
Os conquistadores
Do Ceará.

1.º CONQUISTADOR

Menina que é feia
Olha-se á socapa ;
Menina bonita
Não nos escapa

CÔRO

Menina que é feia etc.

Os conquistadores continuam a passear ; entram de lados oppostos um patinador e um surdo que reprova e exaspera-se com o patinador por estar patinando com a Avenida repleta de passeadores. Apparecem duas mulheres ; Anastacio sympathisa com ellas e indaga de Luminaria quem são ; esta responde-lhe em segredo e elle mostra-se escandalizado. Entram 4 poetas, que cantam :

Cantamos os astros
E as mulatinhas,
Quer magras, quer gordas
Feias ou lindinhas.

1.º POETA

O que nós queremos
E' dar que fallar.

2.º DITO

E bufa o burgez
A mais não bufar.

CÔRO

Cantamos os astros
E o céo de anil,
Poetas ha muitos
Aqui no Brazil !

Depois da sahida dos poetas, Luminaria, á pedido de Anastacio, explica o que é a *Companhia de Entroncamentos*. Pouco a pouco os conquistadores e poetas vão se agglomerando e cantam depois :

Triste, bem triste seria
N'esta terra a nossa vida,
Se não se creasse um dia
De «Caio Prado» a Avenida.

LUMINARIA

Ouve-se aqui bôa musica,
Anda-se n'um torniquete :
Toma-se cerveja fresca
Café moka e bom sorvête.

Mas, eu que sou ladina,
Esperta e pequenina,
Eu não temo a refrega.
Se algum tolo me pisca,
Eu digo : não pega a isca,
Não venha, que não pega.

CÔRO

Mas, ella que é ladina
Esperta e pequenina,
Não receia a refrega.
Se algum tolo lhe pisca,
Ella diz : não pega a isca,
Não venha que não pega.

LUMINARIA

Quando eu passo pela rua
Com minha saia bordada,
Conheço muito sujeito
Que me quer por namorada.

CÔRO

Quando passa pela rua
Com sua roupa bordada
Ha muito sujeito fino
Que a quer por namorada.

LUMINARIA

Porém, eu que sou ladina
Fóra das normas não saio
Porque de cavallo magro
Não sou eu, por Deus, que caio.

AS-Dv_017 (357) -7-

CÔRO

Mas, ella que é ladina
Esperta e pequenina
Se algum tolo lhe pisca,
Ella diz :—não pega a isca.

Ouve-se algazarra nos bastidores e entra Pery, que conta sua historia e depois canta :

Um dia na selva bruta
Uma visão me encantou,
E Pery que era selvagem,
Pery foi homem e amou !

Amou como o passarinho
Ama o ninho na folhagem.
Amou como sabe amar
Um coração de selvagem.

(*O côro repete*)

PERY

A historia de meus amores
Contou-a José de Alencar,
Hoje em dia todos sabem
Já todos sabem amar.

Viva, portanto o poeta
De que nos falla o Pery,
Esse poeta inspirado
Que escreveu o *Guarany*.

Após a sahida de Pery, entra o hypnotisador acompanhado de um menino; apresenta a Anastacio as vantagens do hypnotismo; este duvida e elle executa; o menino, depois de hypnotisado declara que o coronel é casado e este protesta solemnemente, porque quer cahir na bilontragem.

Durante a sessão hypnotica a orchestra toca uma symphonia; terminada a sessão o hypnotisador canta :

Quem tiver esse poder,
Esse dom de advinhar,
Ninguem, ninguem n'este mundo,
Ninguem o póde embaçar. } (bis)

A força do hypnotismo
E' até muito vulgar;
Quanta menina bonita
Não sabe hypnotisar ! } (bis)

ANASTACIO

Que lhe diga, meu amigo,
Não é cousa extraordinaria;
Que lhe diga agora mesmo
A menina Luminaria.

LUMINARIA

Eu respondo com franqueza:
Não quero nem pró, nem contra,
Que você, tio Anastacio,
E' velho, mas é bilontra.

HYPNOTISADOR E LUMINARIA

Não ha duvida, de certo,
Nem mesmo contestação,
Que este velhote Anastacio
E' velho, mas é babão. } (bis)

O hypnotisador retira-se e entram dois medicos questionando sobre a variola, quando esta apparece tratando-os de collegas. Entra o *Libertador* commentando os ultimos acontecimentos politicos e verifica o numero de deputados com que póde contar. Quando julga-se triumphante apparece o *Norte* acompanhado de muitos amigos e pede o poder ao *Libertador*, que manifesta-se em opposição e sahe. O *Norte*, subindo ao poder, convida aos amigos a fazerem nova politica e para isso vai com um ferro imprimindo um signal no dorso de cada um. Apparece um sujeito, que por pilhéria, annuncia a quéda ministerial: correm espavoridos e voltam novamente quando sabem que foi pandega. O *Norte* diz que nada teme e canta :

A politica é a mesma
Ninguem póde contestar,
Por tanto é justo que todos
Venham se contraferrar.

CÔRO

A politica é a mesma,
Ninguem póde contestar,
Ficou um pouco mais larga
Somente p'ra variar.

AE-DN-017 (357)

NORTE

De hoje em diante esta terra
Vai ficar mais bella e forte,
Pois tem mais um luctador
No meu jornal que é o *Norte*.

CÔRO

A politica é a mesma (etc.)

Dansam kan-kan e termina o acto.

3.º ACTO

PERSONAGENS

Coronel Anastacio	1.º sujeito
D. Luminaria	2.º «
Alumno desligado	Constituição do Estado
Familia Queiroz	Cambio
Norte	Portador de telegrammas
Libertador	Immigração chineza
Estado do Ceará	Rayol
Cearense	Um sujeito
Combate	Marido
Correio Official	1.ª Mulher
Conde de Aguilar	2.ª «
Chagas	Anonymato.
Feital	

—*Povo que transita na rua, mendigos, compradores de ossos, garrafas, latas vazias, etc.*

—

O scenario representa uma rua.

Anastacio vem dizendo á Luminaria que se houver secca no Aracaty, muda-se para a capital, emprega-se na companhia de Entroncamento e casa-se com uma menina da rua 69 X, por quem está loucamente apaixonado. Entra um cadete noivo de Luminaria, que despede-se de Anastacio e canta:

Eu vou partir !
Fui desligado ;
Irei deixar este torrão abençoado.
Oh ! quanto hei de chorar
No dia em que deixar
Aquella por quem sinto o peito arfar ! (bis)

Quereis saber ?
Pois bem vos conto :
Vou asular porque faltou-me meio ponto !
Tamanho trambulhão
Não me permitte, não,
Que eu peça da pequena a rosea mão. (bis)

Eu vou partir
E brevemente
Longe d'aqui irei chorar saudosamente !
E tanto hei de chorar
Que o mar ha de augmentar
E a minha doce amada arrebatar ! (bis)

Passa um prestito dando vivas ao Governador ; Anastacio dá vivas tambem e diz que em politica é intransigente. Apparece a familia Queiroz, que Luminaria apresenta a Anastacio, que diz pertencer á familia. Todos cantam :

1.º QUEIROZ

Todos nós somos Queiroz,
Familia que não tem conta
Quem quizer dar um saltinho
Para a ponta.
E' só chegar-se um pouquinho
Para nós.
Boa gente somos nós,
Fazendinha de bom panno.
Só anda ufano
Qualquer sicrano, ai!
Qualquer beltrano
Que tem Queiroz.

CÔRO

E' uma asneira
Que não se exprime,

AS-Dv- 017 (357) -9-

E' mesmo um crime,
Se acaso alguem
Ao velho nome
Já tão usado
Não tem juntado (bis)
Queiroz tambem.

1.º QUEIROZ

Meu actual sobrenome
Não vem lá de meus avós,
Mas, p'ra acompanhar a moda,
Junto ao nome,
Como esta gente toda,
O de Queiroz.
E' uma tolice atroz
A pessoa que ao presente,
Não é parente,
Nem adherente, ai !
Da bôa gente
Que tem Queiroz

CÔRO

E' uma asneira
Que não se exprime, (etc.)

Anastacio entra n'uma loja com Luminaria a pretexto de comprar uma cartola. Apparece a Imprensa disputando sobre a eleição havida no congresso e reclamando seus lugares no poder. Entram Anastacio e o *Conde de Aguillar*, representando o «Gremio Dramatico Militar»; o Conde representa uma scena do drama levado na 1.ª recita e sahe. Entra o Feital com sua maravilhosa flauta de prata; Luminaria apresenta-o a Anastacio, que muito se admira da flauta. Feital, a pedido de Luminaria, toca e prosegue no seu caminho. Dois sujeitos fallam pelo telephone. A *Constituição do Estado* passa correndo. Entra o *Cambio*, que, depois de muito baixar desapparece. Apparece a *Immigração chineza*, que mostra os misteres de sua profissão. Anastacio entra perseguido por mendigos e lamenta que o Governador do Estado não os mande para o Asylo a elles destinado. Um sujeito encontra-se com Anastacio e diz-lhe que o tem procurado por toda a parte, sem poder encontral-o. Anastacio responde-lhe que esteve no Quixadá em passeio com o Governador e que fez brindes á Religião.

O sujeito convida-o para um baile no Iracema. Anastacio diz ao sujeito que reprova as rodas que as familias d'aqui fazem na calcada e as rotulas de abrir para fóra. Entra um homem perseguido por duas mulheres com quem se havia casado no civil com uma e na igreja com outra. As mulheres querem ter o direito de preferencia. O homem, aconselhado pelo sujeito que conversa com Anastacio, foge e as mulheres acompanham-n'o. O sujeito falla da *Constellação Cearense* e Anastacio enthusiasma-se com suas vantagens e bemdiz ás senhoras que fundaram essa sociedade. Apparece o tenor Rayol que, depois de conversar com Anastacio, canta :

E' noite de lua cheia.
Quanto é bello o céo assim !
A lua beijando a areia, } (bis)
Só tu não beijas a mim ! }

A onda morre na praia
Vermelha como um podim ;
Corre ao longe uma catraia, } (bis)
Só tu não beijas a mim ! }

O sol corisca zangado
Por sobre um céo de setim ;
Só tu, meu anjo adorado } (bis)
Só tu não beijas a mim ! }

E' noite de lua cheia,
Quanto é bello o céo assim !
A lua beijando a areia, } (bis)
Só tu não beijas a mim ! }

Rayol despede-se e sahe, O *Chagas* passa pela rua tocando gaita. Entra o Anonymato perseguido pela Imprensa e tem longo debate. O *Libertador* convida aos collegas a solemnisar a maravilhosa

APOTHEOSE

da Revista Cearense

A POLITICA E' A MESMA

AS-Dur-017 (357)

SOCIOS DO CORPO SCENICO

DO

GREMIO LITTERARIO MILITAR

Que tomam parte na presente Revista

Franklin Theberge
Pedro Soares
H. Seixas
Raymundo Leão
Franklin de Souza
Fernandes Pinheiro
Pedro Brazil
Faria e Souza
Abilio Noronha
Boaventura Abreu
Armando Lamarão
Francisco Cavalcante
Silvio Martins
Alvaro Evaristo

Auxiliados pelos socios espectadores:

Mario de Sá
Tancredo de Mello
Cardoso
Dias de Menezes
Manfredo Fernandes
Curio de Carvalho
Nabor Drumond
Severiano Ribeiro
Marcilio Bevilaqua
Mario Guimarães.

—

E' director de scena e ensaiador o socio Boaventura Gonçalves de Abreu.

DISCRIPÇÃO DA MUSICA

ACTO PRIMEIRO

Symphonia—Original—descripção do Café Java, passeiadores até a subida do panno, arranjo do tenor Rayol.
N. 1 Côro dos criticos. Zé Morcego & &
N. 2 Côro dos bemóes. Troupe Garraús.
N. 3 Zé Povinho. Canção do matuto (acompanhada a vióla)
N. 4 Lithographia. Coplas.
N. 5 Surdina.
N. 6 Côro dos esfomeados. Harmonias da Secca.
N. 7 Inverno. Côro dos sapos.—Apresentação do *Sunganen-nen*, Foi-não-foi—Sapo-boi, Perereca e da menina Rã.

Do 1.º ao 7.º numero a musica é original e arranjo do amador Francisco Benevolo.

ACTO SEGUNDO

Musica toda original do tenor Antonio Rayol.
N. 1 Melodrama—Preludio. Discripção da Avenida Caio Prado ao cair da noute. Passeiadores e grande animação. Musica discriptiva.
N. 2 Côro dos conquistadores e *leões* da moda (allegro risoluto, coplas, duetto e côro).
N. 3 Musica dos poetas. Tercetto, solo, tercetto e côro grandioso. (Tempo de walsa)
N. 4 Ensemble dos poetas e conquistadores. Canção de Luminaria e côro magestoso—Lundú.
N. 5 Scena e romance de Pery. Musica sentimental—Adagio melancolico—Grande côro.
N. 6 Scena hypopotica—Effeito na orchestra.
N. 7 Cançoneta do hypnotisador. Coplas de Anastacio, duetto de Luminaria e Anastacio e tercetto final.
N. 8 Partida para o Congresso. Côro dos jornaes. A Politica é a mesma. Kan-kan até cahir o panno.

ACTO TERCEIRO

N. 1 Preludio—n'uma rua, ás 7 horas da noite.
N. 2 O Cadete desligado.
N. 3 Grandioso tango dos Queiroz.
N. 4 Apparição do Chagas da gaita—effeito da orchestra.
N. 5 Walsa do Chagas—A flauta de prata.

AS-Dv-017 (357) -11-

N. 6 Capadoçada—O sustenido do beiço.—Concerto em scena aberta.

N. 7 Apotheose.—Grande festival artistico.—A' Republica Franceza. Junção dos Hymnos, FRANCEZ. PORTUGUEZ E BRAZILEIRO, forte na orchestra até cahir o panno.

Todos os numeros são escriptos pelo tenor Rayol, á excepção do numero 2, (O cadete desligado) que é arraujo do amador Oscar Feital.